Kyudo - Uma das memórias de Luís Paixão, 1º Presidente da APK

Escrever sobre o Kyudo em Portugal não dispensa referir as circunstâncias excepcionais em que se deu o início da sua prática no país e de certo modo exprimir o que se passou connosco, comigo e com o Roque Brás de Oliveira (4º Dan graduado no Japão e actualmente Presidente da Associação Portuguesa de Kyudo) enquanto intervenientes nesses acontecimentos. Não que exista qualquer vislumbre de vaidade da nossa parte mas porque de certo modo ficamos marcados por vínculos indeléveis que ambos consideramos de uma outra ordem .

No final do ano de 1992 nós fazíamos parte de um círculo de tertúlia no qual os temas presentes eram e são de um modo geral espirituais e filosóficos, mas permeáveis á influencia de outros espiritualismos vivos não exclusivamente ocidentais muito á maneira de um René Guenon quando enuncia esse propósito como a "busca de uma tradição primordial". No que tocava aos orientalismos não éramos alheios ás obras de Alan Watts de Karlfield Von Durkheim em especial o seu livro Hara e as belíssimas traduções e comentários de Richard Wilhelm no livro de profundo esoterismo que é "O segredo da flor Dourada" e nesse outro, de carácter também operativo, ao qual recorro em momentos difíceis da minha vida para sábio e gratuito aconselhamento: o I Ching.

Entre estas obras e outras sobressaía "O Zen na arte Cavaleiresca do tiro com arco japonês" de Herrigel relato da aprendizagem de um ocidental na difícil arte do Kyudo. É uma bela narrativa muito bem escrita com uma elevada intenção poética, mas que nos deixava com o amargo sabor de só ser possível viver aquelas coisas desde que vivêssemos no Japão. Nessa impossibilidade pensamos no tiro com arco Ocidental tendo na altura e com essa finalidade procurado um espaço para o praticarmos.

Por um acaso ou coincidência extraordinário a Leonor, minha mulher, chamou-nos a atenção para um artigo da revista do jornal Diário de Noticias no qual se dizia que havia um senhor japonês praticante de Kyudo de nome Yokokodji que estava a viver na Cotovia muito perto da casa do Roque e cuja grande ambição era encontrar um local para a prática do kyudo, enquanto gozava o período da reforma em Portugal. O País não é muito grande, mas mesmo assim tem uns largos milhares de quilómetros quadrados e logo havia de ser ali, tão próximo de nós que o Sr. Yokokodji havia de estar a viver. Depois de serenado o entusiasmo houve naturalmente o desejo de o conhecer pessoalmente averiguando a possibilidade de marcarmos um encontro, conscientes de que modo ou a forma de o fazermos não seria da mesma maneira que se procura um fornecedor nas páginas amarelas. Felizmente e também casualmente a professora de línguas dos meus filhos era também professora de português do Sr. Yokokodjy, a professora Céu Cortesão, que tendo conhecimento do mutuo interesse promoveu um encontro entre nós em Novembro de 1992.

Recordo com muita saudade esses primeiros momentos no café Esperança. Era um homem magro e de estatura elevada em relação á média de altura japonesa, de trato muito afável

jovial, e atendendo á idade, teria uns 64 anos, transparecia nos gestos e nas atitudes uma inocência de criança. Após uma primeira troca de impressões algo difícil em virtude da língua; ele "arranhava" o português e nós não sabíamos nada de japonês ficou combinado que iríamos um outro dia a casa dele para uma conversa mais longa e profunda sobre o assunto.

Fomos recebidos em sua casa pela sua gentil mulher a Sr.^a Sumiko numa atmosfera muito japonesa. Descalçamos os sapatos á entrada (na passagem do profano para o sagrado para uns, para não sujar chão da casa para outros) e depois das boas vindas tomamos chá verde japonês com fritos de arroz feitos a propósito na altura o que nos fez imediatamente sentir no paladar, a atmosfera de simplicidade contida que reflecte a cultura japonesa. Logo após estes primeiros momentos de boas vindas foi buscar para nos mostrar o arco "Yumi", as flechas "Ya" a luva "KaKe" e o alvo "Mato". Foi um momento único, a exímia artesanaria, e os sinais de já terem sido usados, a verdade natural dos materiais: bambu no arco e nas flechas, pele nas luvas pareciam objectos animados. A luva, sobretudo, que naquele caso reveste apenas o polegar o indicador e o médio impressionou-me pela enorme dimensão do polegar que é tem uma protecção de madeira revestida de pele com uma ranhura no lado posterior para prender o fio do arco. No punho da luva, nas costas da mão uma bela inscrição gravada a roxo e que ligava o praticante á escola Ogasawara, aquela instituição prestigiada que tem vindo a apoiar atenta e desinteressadamente a actividade do kyudo em Portugal através de inúmeras ofertas de material ao longo dos últimos 17 anos. Yokokodji mostrou-nos os objectos com uma enorme seriedade e simultaneamente com uma indisfarçável alegria por finalmente ter encontrado alguém que poderia apreciar uma arte que ele tanto considerava.

Combinamos logo uma sessão de prática num espaço gentilmente cedido numa quinta próximo da Cotovia. A Quinta da Boa Vista ou Quintinha propriedade da família da Leonor.

Hassetsu- oito movimentos para um tiro

Para quem lê estas linhas e nunca teve o ensejo de estar em contacto com a prática de Kyudo é importante esclarecer que qualquer tiro exige o cumprimento de oito movimentos que vão desde o levantar do arco e de duas flechas encostando as mãos aos quadris olhando lentamente para o alvo (Monomi) até ao momento do tiro (Hanare) numa sequencia que demora vários minutos dependendo da formalidade. O seu desenvolvimento é de um modo extremamente lento e apoiada na respiração. Os nossos primeiros treinos foram, portanto, sem arco nem flecha só executando os movimentos. Mais tarde Yokokodji fabricou uma espécie de fisga para que com a sua utilização nós começássemos a sentir a pressão do arco. A prática com arco só foi permitida ao fim de seis meses (IMAGEM 2)

O que mais me impressionou nestes primeiros tempos de prática foi a exigência destes oito movimentos sem arco o seu lento encadeamento completamente dir-se-ia ao "retardador" contrário ao ritmo rápido do nosso dia a dia. Poderíamos pensar que era por sermos principiantes, mas não era este o caso, visto que quando o mestre executava o tiro para exemplificar a sua lentidão era ainda maior que a nossa. Várias vezes me ocorreu que, se era uma arte marcial cujo propósito era a guerra seria, por essa razão e com certeza, uma guerra perdida. A não ser que se tratasse de uma outra guerra, de uma outra cavalaria, de um outro inimigo que talvez só existisse em nós próprios. Por outro lado, os sucessivos movimentos de cumprimento "Rei" e "Yu" á entrada do espaço, ao mestre, ao alvo clicavam que deveria haver naquele local durante aqueles minutos e aquelas horas um espaço e um tempo ultra qualificados. Dir-se-á com razão como o nosso mestre várias vezes afirmou que o Kyudo não é uma Religião mas contem elementos: posturas, gestos movimentos que por serem altamente

ritualizados deixam transparecer uma origem religiosa. Trata-se, no meu entender, da própria gnose japonesa se assim se pode chamar tanto do lado do esoterismo budista como do esoterismo xintoísta. Pretendo utilizar aqui a palavra esoterismo no seu verdadeiro sentido de eso=interior e deve-se ao facto de não conhecer outra melhor para o que desejo exprimir. Esta chamada de atenção é por haver muito esoterismo que subtilmente passou a ser completamente exterior sem que as pessoas se tenham apercebido desse facto mergulhando-as num mar de fantasias. O pensador António Telmo dirá a propósito e com uma subtil ironia que não é esoterismo é "esoturismo".

Sabemos que em todas as tradições o arco e a flecha se revestem de um carácter profundamente simbólico e operativo. A ligação do arco e da flecha ao amor e ao cupido e flecha ao relâmpago ou raio iluminante são disso exemplo. No Japão é ainda utilizado com esta finalidade em muitas cerimónias solenes como acto de abertura de um evento e designa-se por Hikime.

Este tiro tem três intervenientes, um atirador e dois ajudantes e vestido a rigor com belíssimas roupas de seda bordadas a cabeça coberta por um chapéu que faz lembrar um barrete frígio. A flecha utilizada nestas ocasiões apresenta em vez de uma ponta aguçada uma pequena cabaça com um orifício que emite um som e que é audível durante o voo. A flecha vai colidir suavemente sobre um pano azul que se encontra a cerca de 28 metros e na frente do atirador. Tivemos a honra e a oportunidade de organizar e participar numa cerimónia liderada pela nossa actual mestra Sr. Maky Kudo que se realizou no convento da Arrábida no dia 21 de Junho de 2008 por ocasião do 6º Seminário da Associação Portuguesa de Kyudo e com a colaboração da Fundação Oriente. Esta cerimónia é altamente ritualizada e o objectivo do tiro é o de libertar a atmosfera dos maus espíritos.

Quando os portugueses chegaram ao Japão no século XVI e usaram as espingardas que era uma novidade para os japoneses o arco foi posto de parte perdendo utilidade marcial passando a ser apenas utilizado sobretudo em actos solenes incorporando por esse facto aspectos das duas religiões em presença.

É sabido que toda a tradição genuína é "contracorrente", ou seja, é um movimento contrário à voragem do impiedoso Cronos. Qualquer acto de meditação do "conhece-te a ti próprio" é tradicional deste ponto de vista. O Kyudo, é, por esta razão, completamente tradicional. A observação de si próprio começando pelo corpo, os músculos, os ossos em qualquer ponto dos pés á cabeça, que exige uma continuidade da atenção desde o inicio até ao momento após o tiro, centrada no Hara, esse ponto que fica entre o umbigo e a púbis que é objectivamente o centro do corpo, já esquecido pelos ocidentais e que é obvio para qualquer japonês. Para quem está atento sabe que esta observação é completamente ausente no nosso dia a dia, mas é ainda mais ausente quando passamos para a observação das emoções, seja de júbilo por se ter acertado, seja desalento por se ter errado, seja de inveja do companheiro que acertou, seja a falta de determinação e energia na execução dos movimentos, para só falar de algumas. Esta dualidade no ser humano entre o que observa, sem juízo moral, e o que age e sente é claramente iniciática. Todos os comentários que se fazem a propósito sobre as supostas "energias" envolvidas nestas acções tentam reduzir os planos superiores do ser á chã materialidade, da física, da equação matemática e reconduzem o ser humano novamente ao seu estado de adormecimento.

Se é condição para a manutenção da prática do Kyudo a identificação dos aspectos acima referidos, porque de outro modo reduz-se a uma técnica vazia de sentido, também não deixa de ser indispensável a atenção permanente aos aspectos relacionados com o grupo. O caminho do Kyudo é individual, mas ele só é possível no interior de uma egrégora: a amizade, o sentido de grupo, a lealdade, a cordialidade o respeito mutuo são valores que entram na composição da argamassa que liga as pedras do edifício do Kyudo. Qualquer atentado a estas regras é grave e revela para além de outros aspectos falta de inteligência. O legado do mestre Yokokodji, independentemente do seu estatuto de graduação, foi antes de mais o exemplo das virtudes referidas e nunca será demais apontar a sua disponibilidade e entusiasmo para todas as tarefas relacionadas com as actividades do grupo não apenas com a prática, daí a sua tristeza quando alguém as negligenciava

Um outro acontecimento muito importante que valerá a pena referir foi a vinda a Portugal do Senhor Kudo, mestre do Sr. Yokokodji, a convite deste no ano de 1995. Era na altura considerado o praticante cuja técnica era a mais perfeita no Japão. A prova desse facto foi ter sido solicitado pelo reconhecido mestre do cinema mundial Akira Korosawa para ensinar os actores do filme "Os Senhores da Guerra " na difícil arte de Yabusame (tiro com arco a cavalo) para representarem as cenas iniciais de caça ao javali. Mais baixo que Yokokodji, de idade mais avançada, manifestava contudo, uma enorme vitalidade. Ficou alojado na Cotovia e acompanhou o primeiro seminário nacional. Executou muitos tiros em tronco nu para que nós nos apercebêssemos dos músculos que estavam a ser utilizados em cada momento do tiro. O seu corpo era deste modo um livro aberto tal era a nitidez dos músculos e dos ossos não sendo visível nada que estivesse a mais. Tinha um emprego modesto no Japão como transportador de mercadorias no porto da cidade onde vivia utilizando um pequeno veículo entre as 5 horas e as 10 da manhã, dedicando o restante do dia ao Kyudo. Foi convidado na altura por várias pessoas a outros dojos para demonstrar e ensinar Kyudo, tendo declinado sempre os convites, pedindo às pessoas que se deslocassem ao dojo da Quintinha.

Na despedida, o Roque teve a feliz ideia de lhe oferecermos uns arreios para cavalo Lusitano, que foi de facto a melhor coisa que lhe poderíamos ter oferecido, tal a alegria que manifestou quando o recebeu. Mais tarde chegou-nos a mensagem pelo mestre Yokokodji que o Sr. Kudo lhe teria dito que as melhores coisas que lhe teriam acontecido na vida foi o Kyudo e ter vindo a Portugal. O apoio á actividade do Kyudo em Portugal tem vindo a ser assegurada anualmente pela Senhora Maky Kudo, sua esposa, 7^º Dan no Japão sendo particularmente reconhecida no seu país pela qualidade dos seus alunos e por ser uma eximia fisioterapeuta na tradição japonesa.

Já dezassete anos decorreram desde o inicio da prática muitos foram os seminários e as demonstrações nacionais e internacionais em que a Associação esteve presente e envolvida .Das iniciativas tomadas a bem da actividade, pela entrega e empenho dos associados, são de realçar a manutenção do núcleo do Instituto Superior Técnico em Lisboa e o inicio da construção do novo Dojo em Sesimbra

Sesimbra, Primavera de 2009